

SAÚDE E DOENÇA: O NOVO DESPERTAR A PARTIR DAS CONSTELAÇÕES FAMILIARES

Marilda Saccol¹

RESUMO

Este artigo traz à luz algumas reflexões acerca da saúde e da doença a partir de uma revisão bibliográfica do trabalho com as constelações familiares, criado pelo terapeuta alemão Bert Hellinger, cuja prática não possui mais de 30 anos no mundo e menos de 10 no Brasil. Nas constelações familiares, há duas leis básicas que emergem: da vida e dos relacionamentos. Nessas leis existe uma compreensão espiritual, conhecida também como o caminho fenomenológico do conhecimento. A família é um sistema equivalente ao nosso corpo físico, mas por termos mobilidade e liberdade perdemos a noção de que fazemos parte de algo maior e temos uma função dentro do sistema. Neste estudo teve-se como objetivo compreender como os emaranhamentos familiares ligados ao destino de nossos ancestrais familiares contribuem para o surgimento de doenças e, até mesmo, a morte. A presença de fatores emocionais inconscientes nos indivíduos, muitas vezes, não permite que os laços de amor se desfaçam, e por permanecer leal a um sistema surge a doença ou a morte como solução. Diante da pesquisa evidenciou-se que as constelações familiares, mediante o movimento de intervenção terapêutica, permitem acesso a informações inconscientes, liberando os bloqueios das relações intergeracionais e intrageracionais. Os resultados desta revisão permitiram conhecer melhor a relação da saúde e doença e o trabalho prático das constelações familiares no auxílio destas, por meio de uma visão integral e profunda da realidade humana, transcendendo as dimensões psicofísicas e tocando a dimensão espiritual inerente à natureza humana e à vida. Palavras-chave: Constelações familiares. Saúde. Doença.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo teve-se como foco de investigação a compreensão do trabalho com constelações familiares a partir do binômio saúde-doença e procurou-se colocar questões acerca da relação saúde-doença e sua ligação com os conflitos familiares de gerações passadas. A doença e a saúde sempre ocuparam um lugar de debates no cenário de políticas públicas na tentativa de classificação por um viés mais organicista. Para os fins deste texto não se pretende estabelecer uma anulação de outras áreas do conhecimento que preconizam um tratamento mais organicista para as doenças, mas, sim, trazer à luz uma nova forma de compreensão do adoecer a partir das relações familiares disfuncionais.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) (2000 apud DETHLEFSEN, 2007) define saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou enfermidade. No entanto, a definição da OMS traz alguns problemas, na medida em que propõe uma saúde que parece impossível, já que um estado de absoluto bem-estar físico, mental e social é algo que não pode ser experimentado senão em poucos momentos durante a vida, tendo-se em vista que cada ser humano se confronta o tempo todo com situações que podem levar, e levam, a diversos tipos de mal-estar, sem que isso represente necessariamente ausência de saúde.

Uma pessoa que não goza de plena saúde, muitas vezes, para de se interessar pelos acontecimentos externos e perde a capacidade de amar no sentido mais pleno (FREUD, 1996, [1914] apud CHIOZZA 1998). Além disso, existem pessoas que esperam solucionar seus problemas de forma mágica com uma tendência a repetir o ciclo do adoecimento.

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professora na Universidade do Oeste de Santa Catarina; Psicóloga e Consteladora Familiar; marilda.saccol@unoesc.edu.br

No contexto da saúde e doença muitos são os autores no cenário nacional e internacional que discutem os motivos pelos quais a humanidade adoecce, buscando explicações na genética, na alimentação saudável, estilos de vida, trabalho, estresse, trânsito, entre outros, com o propósito de compreender as doenças, visando à prevenção e intervenção destas. Neste trabalho, por sua vez, visou-se resgatar o reconhecimento da prática das constelações familiares como técnica, método ou movimento na compreensão dessa visão multidimensional, incluindo a dimensão transgeracional na busca de uma solução que permita perceber o adoecer do indivíduo a partir de um contexto mais amplo e sistêmico e sua relação com aspectos inter e intrageracionais.

A doença é a revelação de que o ser humano é pecador, culpado, ou de que não está bem; trata-se do resultado microscópico da queda. Mas isso não quer dizer que esses termos tenham relação com a noção de castigo. Seu significado é simplesmente o seguinte: enquanto se participa da polaridade, também se participa da culpa, da doença e da morte. Assim, se há aceitação desses fatos, eles deixam de ter quaisquer conotações negativas. O que os torna um inimigo mortal é o mero fato de se recusar a admiti-los; é o fato de se insistir em julgá-los e em opor-lhes resistência (DETHLEFSEN, 2007).

Hellinger (2007b) com seu original método das constelações, trabalhando durante anos com seus pacientes, constatou que as pessoas estão ligadas inconscientemente com os destinos dos ancestrais familiares. Nesse sentido essa ligação interfere na capacidade de libertação do destino individual, pois muitos destinos se encontram entrelaçados com aspectos anteriores ao seu desenvolvimento.

O trabalho de constelações de Hellinger (2001 apud FRANKE, 2006) é uma forma de terapia breve, orientada pelas soluções. Traz à luz, de forma rápida e precisa, as dinâmicas que ligam o cliente de uma forma disfuncional ao seu sistema de referência e que o limitam em suas possibilidades de ação e desenvolvimento pessoal, impedindo-o de estruturar a sua vida de uma forma positiva. As constelações familiares, portanto, dão a possibilidade de compreender o processo de adoecimento, sendo este consciente ou inconsciente ou mesmo arraigado em cada pessoa.

Hellinger (2007b) descobriu que por amor, lealdade e fidelidade à família, quando algum ancestral deixa situações por resolver, pessoas de gerações seguintes trarão o sentimento e o comportamento, a ação para a resolução dessas situações, “emaranhando-se” e permanecendo, assim, prisioneiros a fatos e eventos pelos quais não são responsáveis e dos quais sequer têm conhecimento. Esta é a herança afetiva, uma transmissão transgeracional de problemas familiares, que acaba criando uma sequência de destinos trágicos.

2 ADOECER A PARTIR DO TRABALHO COM CONSTELAÇÕES FAMILIARES

A doença é um estado do ser humano que indica, na sua consciência, uma desordem, ou seja, sua consciência registra que não há harmonia (DETHLEFSEN, 2007).

A medicina vincula frequentemente a influência das emoções sobre o organismo com a teoria do estresse desenvolvida por Hans Selye (1960 apud CHIOZZA, 1998). Esse autor, interessado em compreender o que é a doença, descobre que a maior parte dos signos e sintomas são comuns a praticamente todos os transtornos. Descreve a “Síndrome de estar doente” e concebe uma teoria unicista do adoecer. Sustenta que, ainda que o dano possa ser causado por uma variedade de agentes nocivos, o organismo se defende desenvolvendo uma reação inespecífica que se denomina *síndrome do estresse* ou *síndrome geral de adaptação* (CHIOZZA, 1998).

Para Dethlefsen (2007), o ser humano adoecce porque lhe falta a unidade. O indivíduo sadio ao qual não falta nada, existe apenas nos livros de medicina. Na vida, não se conhece um único exemplar desses. Pode bem haver pessoas que há vários anos não mostram sintomas específicos de qualquer

doença grave; porém isto não altera a afirmação de que também elas são doentes e mortais. Estar doente, nesse contexto, significa ser imperfeito, inseguro, vulnerável e mortal.

Edgar Heinz, em seu livro *A doença como crise e oportunidade*, cita que em 25 anos de vida, um adulto passa em média por uma doença que põe sua vida em risco, 20 doenças graves e cerca de 200 doenças de gravidade média (DETHLEFSEN 2007).

Segundo Dethlefsen (2007), a doença faz parte da saúde, assim como a morte faz parte da vida, e toda tentativa de viver de forma saudável também pode produzir mais doenças. Isto significa que perceber a saúde apenas por um único viés impede a compreensão mais holística a que o ser humano pertence.

Segundo Jung (apud DAHLKE, 2007), aquilo que não se quer ter na consciência e, ignorando, deixa-se de lado, aterrissa de fato ao lado, é chamado de sombra. A sombra consiste, portanto, em tudo aquilo que não se percebe e não se aceita. Nesse sentido, não há nenhum ego, nenhum ser humano que se alegre ao reencontrar os temas acumulados na sombra.

A sombra nos deixa doentes, o encontro com a sombra no faz sarar. Essa é a chave para entender a doença e a cura. Todo sintoma é um aspecto da sombra que se precipitou no corpo físico. É no sintoma que se manifesta aquilo que nos faz falta. É no sintoma que o ser humano vive aquilo de que não quis tomar consciência. O sintoma usa o corpo como instrumento para fazer a pessoa se tornar outra vez um todo (DAHLKE, 2007).

Em todo paciente que recorre a um médico porque se considera fisicamente enfermo cabe distinguir dois tipos de fenômenos, os signos físicos, que o médico registra, e o paciente ignora, e os sintomas somáticos, que o paciente recebe na consciência como sensações físicas privadas de um significado psíquico intrínseco ou primário. A este último o paciente se refere dizendo que são sintomas ou sensações de origem física. Não existe outra possibilidade, porque quando o paciente é capaz de compreender, de um modo que não seja meramente intelectual o significado psicológico do fenômeno que o aflige, jamais categoriza o seu transtorno como sintoma de uma enfermidade, mas o experimenta como um afeto penoso que pode integrar, em uma coerência de sentido, o conjunto inteiro de suas vicissitudes vitais (CHIOZZA, 1998).

Descartes (1650 apud CHIOZZA, 1998) foi considerado o primeiro autor que estudou metodicamente as emoções, apoiando-se no conhecimento científico e vinculando os sentimentos com sua manifestação na fisionomia e no sistema circulatório.

Darwin (1872 apud CHIOZZA, 1998) criou uma obra clássica estudando a expressão das emoções no homem e nos animais. Na configuração da emoção teria importância a herança dos gestos, movimentação e costumes que deveriam ter sido adquiridos durante uma longa série de gerações e que apareceriam nos descendentes em uma idade mais prematura do que aquela em que foram contraídos por seus antecessores.

Anos depois Freud retorna a essa ideia de Darwin e desenvolve a teoria psicanalítica dos afetos. Descobre que a repressão das emoções é determinante na produção da neurose e coloca os afetos em um lugar central na teoria e na prática psicanalítica (FREUD, 1926 apud CHIOZZA, 1998).

A dor corporal possui uma característica que Freud (1915 apud CHIOZZA, 1998) atribui aos afetos: no inconsciente não como atualidade, senão uma disposição potencial que apenas “se produz” durante a descarga.

A dinâmica familiar em uma doença grave se origina em diversos níveis e deve ser considerada tanto pelo lado físico quanto pelo lado da dinâmica interior da alma e do ambiente do enfermo. Ao olhar principalmente para o ambiente, o ambiente familiar, observa-se que a criança se liga à sua família com um amor muito profundo, com um amor arcaico. Esse amor é tão grande que a leva a querer partilhar o destino de seus pais e irmãos, simplesmente pela vontade de pertencer à família (HELLINGER, 2012). A

família como sistema tem uma estrutura ideal, regulada por uma ordem, na qual a energia escorre sem problemas e serve para fazer crescer e evoluir os elementos singulares e o sistema no seu complexo. Nesse sentido a doença de um membro familiar pode funcionar como uma resposta a essa estrutura, e por meio da violação dessas leis impera a dor.

No trabalho de constelações familiares o sintoma comunica que o equilíbrio das forças interiores está prejudicado. O sintoma, quando liberado de sua valoração negativa, pode transformar-se em um excelente indicador de caminho e guiar aos temas mais carentes, ajudando a tornar os seres humanos mais saudáveis e íntegros.

Nas famílias, por exemplo, existe a possibilidade de que uma criança queira repetir o destino de um irmão ou irmã falecidos ou de mãe ou pai falecidos. A criança diz em seu íntimo “Eu irei com você”. Pode ser que nessa situação ela tente se suicidar ou fique com câncer ou outra doença; portanto a mesma dinâmica básica se expressa de formas diferentes, por isso não teria sentido se eu tentasse curar o câncer sem respeitar essas dinâmicas básicas (HELLINGER, 2007b). Apega-se a muitas doenças e sintomas pelo anseio de proximidade com nossos pais ou pela necessidade de pertencer a uma família. Muitas vezes atua aí uma necessidade inconsciente de compensação, ou então a doença obriga a uma parada quando se infringe uma ordem com nossa atitude ou nosso comportamento (HELLINGER, 2007b).

A cura sempre pressupõe uma aproximação da saúde, daquela totalidade de consciência que também se denomina iluminação. A cura acontece mediante a incorporação daquilo que está faltando, e, portanto, ela não é possível sem uma expansão de consciência (DETHLEFSEN, 2007).

Às vezes, a sintonização com o órgão doente do paciente transmite ao terapeuta a sensação de que esse órgão não está ligado ao sistema global do corpo. Nos conceitos de tratamento da medicina alternativa, essa ligação é, no entanto, uma condição para a preservação da saúde e a cura de um órgão. Para o trabalho de constelação familiar é especialmente importante a associação desse órgão, pois existe uma ligação interrompida que se apresenta por meio desse órgão (HAUSNER, 2008).

De uma forma bem abrangente, Hellinger (2001 apud SCHNEIDER, 2007) generalizou seus insights no contexto das constelações familiares em sua caracterização da “consciência”. Ela é entendida como um órgão da psique que vela pelo equilíbrio nas relações. Por mais que o ser humano seja impelido pelo código genético, cuja única função é aparentemente se manter e ser transmitido, ele também está vinculado a relações em um campo social no qual se observa o comportamento. A consciência é descrita, de modo geral, como a capacidade de avaliar moralmente o próprio comportamento. Pela própria origem da palavra, ela significa um “saber comum”, um “saber compartilhado”, de acordo com o latim *conscientia* e o grego *syneidesis*. O conceito de consciência originou-se na antiga Grécia, a partir da ideia de que em todas as nossas ações diante dos homens e dos deuses existe internamente “alguém que também sabe”. A partir daí desenvolveu-se a compreensão cristã da consciência como uma norma divina absoluta para a percepção do bom e do mau (SCHNEIDER, 2007).

Com essa percepção no processo terapêutico, Hellinger (2001 apud SCHNEIDER, 2007) começou a descrever a consciência de uma nova maneira. A consciência diz apenas o que preciso fazer para poder pertencer a um grupo e o que preciso evitar para não ser punido ou excluído. O comportamento correto é, portanto, avaliado pela consciência apenas em razão da necessidade e das possibilidades de se pertencer ao respectivo grupo.

No método das constelações familiares, identificam-se três níveis de consciência: a consciência familiar e social, a consciência sistêmica e a consciência superior (HELLINGER, 2001 apud MANNÉ, 2008).

A consciência familiar e social tem relação com o fato de pertencer a sua família, pertencendo, assim, a diversos grupos na sociedade. Cada um desses grupos tem consciência própria e precisa ter adesão. A consciência e a vinculação são responsáveis pelo fenômeno da exclusão. Hellinger (2001 apud

MANNÉ, 2008) ressaltou que uma pessoa está em paz quando todas as pessoas que pertencem a sua família têm um lugar em seu coração.

A consciência sistêmica é um campo de energia, uma estrutura em que as leis governam as relações entre os membros de uma família e ele, de uma geração a outra. Quando não obedecemos a essas leis, um tributo nos é exigido e pode vir por meio do processo de adoecimento. Hellinger (2006 apud MANNÉ 2008) descreve a consciência sistêmica como: “Caminho do conhecimento do bem e do mal, além dos sentimentos de culpa e de inocência a serviço do amor.”

A consciência superior é o plano universal da consciência sistêmica, é o caminho profundamente espiritual que nos guia em direção ao todo transcendente. Diante desse apelo superior, nós sacrificamos nosso vínculo e pagamos o preço necessário para servir a essa consciência (HELLINGER, 2006 apud MANNÉ, 2008).

2.1 ORDENS DO AMOR E A RELAÇÃO COM A CURA DA ALMA

De uma forma análoga, podemos falar da alma de uma linhagem ou de um clã, da alma de uma fábrica, da alma de um país ou de uma comunidade linguística. Em todas as relações que constituem nossa vida, desde o eu, tu, ele, você, isso, nós, vós, eles, até nossa relação com a natureza ou com o cosmos em sua totalidade (o isso em sua acepção mais ampla), estamos ligados, de diferentes maneiras, a “campos anímicos”. Essa ligação, em sua grandeza e em sua totalidade, é o que Hellinger (2003 apud SCHNEIDER, 2007) denomina a grande alma. Com isso ele não entende algo místico ou sobrenatural, mas a totalidade da existência individual, coletiva e cósmica, que nos aparece de forma incompreensível e cada vez mais misteriosa, à medida que aumenta o nosso saber. É ela que nos vivifica, sustenta, une e, talvez mesmo, dirige. Na alma, entendida dessa maneira, atua um saber que nos obriga – uma “consciência” –, que nos proporciona, para além das informações conscientemente transmitidas e interpretadas, uma participação ciente – ou um conhecimento participante – em tudo aquilo a que somos vinculados. Albrecht Mahr fala, nesse contexto, de um “campo ciente.”

Nas relações afetivas o comportamento humano é regido por três leis em que Hellinger (2003) afirma: “Penetrar as Ordens do Amor é sabedoria. Segui-las com amor é humildade.” Essas leis são as seguintes: Pertencimento: refere-se a que ninguém pode ser excluído do sistema família; quando isso ocorre, alguém em outra geração repete o destino do excluído. Hierarquia: estabelecida pela ordem de chegada, que indica o lugar certo que cada um ocupa no sistema família. Compensação: é o equilíbrio entre dar e receber. O desequilíbrio coloca a relação em risco.

Com a necessidade de equilíbrio e compensação os indivíduos anseiam pela doença e pela morte; nesse sentido, a doença segue a alma. Assim, no processo de liberação para a cura são necessários, além dos cuidados médicos, cuidados para a alma que sofre.

Diante dos desafios a doença também pode servir como um modelo de transmissão geracional que acaba trazendo à tona emaranhamentos familiares. A alma familiar seria uma força reguladora comparável à força reguladora que dirige os processos físicos de um organismo vivo para manter sua estabilidade. Ela reúne e dirige os destinos das pessoas que continuam vinculadas por laços de lealdade e o faz respeitando certas ordens e leis que, se forem transgredidas, acarretam consequências fatais na forma de doenças, tanto físicas quanto psíquicas ou emocionais, e, inclusive a morte (HELLINGER, 2006).

Vivenciar o fluxo da vida através das gerações é algo muito importante nas constelações e afeta essencialmente a saúde da alma. Prestar respeito e homenagem aos antepassados pela transmissão da vida, recebê-la em si e transmitir a força dessa vida é uma atitude altamente valorizada em todas as culturas (SCHNEIDER, 2007).

Nos grupos a que cada ser humano pertence existe uma interligação na alma, de uma forma que ultrapassa a transmissão consciente de informações, a comunicação, o comportamento e os sentimentos individuais. Na alma participa-se de algo que confere individualidade a cada grupo particular, a cada família, a cada empresa, a cada círculo de amigos. Nas constelações familiares pode-se perceber e “ver” a alma, essa força que une. Muitos se surpreendem ao sentirem, durante uma constelação, esse vínculo ao contexto profundo da família (HELLINGER, 2006).

A ideia de que, em uma família, acontecimentos e destinos se comunicam através de gerações, mesmo quando nada disso nos foi contado, causa inicialmente estranheza nesta época da informação, que se julga esclarecida. O fato de continuar vinculados à família de origem e aos relacionamentos mesmo que se tenha interrompido os contatos, não nos importando mais com a grande família e mudando constantemente as relações, é algo que contradiz a concepção de individualidade e de autonomia. Muitos, porém, percebem, por instinto, que seus relacionamentos continuam a atuar, mesmo depois de terminados, e que eles próprios permanecem vinculados a acontecimentos importantes em sua família, embora tenham acontecido num passado remoto. As constelações familiares permitem que as pessoas voltem a se sentir como seres relacionais. Elas fazem valer a dimensão sistêmica e histórica de nossa existência, de uma forma que, às vezes, parece arcaica ou mesmo mágica (HELLINGER, 2006).

O alvo, a força de intervenção terapêutica é o restabelecimento de uma ética das relações transgeracionais. Por meio dessas relações, é a vida, sua vida, que os antepassados nos legam e transmitimos para a posteridade (BOSZORMENYI-NAGY, 1987).

Em doenças gravíssimas, como o câncer, são verificados sentimentos e ressentimentos. Segundo Schutzenberger (2002), o ressentimento liga-se a um conceito muito próximo daquele que Boszormenyi-Nagy (1987) chama de não justiça, da injustiça sofrida, como dizem as crianças “isso não é justo”.

Para o caminho das constelações familiares o amor enquanto vínculo se manifesta também em casos de doenças graves, pois o indivíduo por intermédio da doença manifesta seu atestado de inocência como uma forma de pertencimento e, portanto, muitas vezes, não deseja a cura para seu adoecimento, porque necessita continuar pertencendo.

Resgatar o sistema de forças por meio da percepção de si mesmo pode encorajar a quitar dívidas emocionais não pagas e quebrar ciclos repetitivos de doenças familiares.

O direito de pertencer, segundo Hellinger (2007a), vela pelo direito para que todos façam parte do grupo e também pelo vínculo em um sentido mais amplo do que é a consciência pessoal. O modo como se toma os pais é o modo como se toma a vida. Se existir uma resistência contra eles, existe uma resistência contra a vida. Isto significa que os filhos precisam aceitar os pais como eles são para que haja harmonia e saúde.

A tristeza e outros sentimentos semelhantes, quando implicam a vivência da perda do objeto de uma necessidade atual “saudosas”, formam parte do luto e, à medida que são acompanhados de sentimento de culpa ou de “falta”, configuram uma melancolia. A alegria, ao contrário, supõe um encontro gratificante com um objeto “bom”, tanto interno quanto externo, que, se acompanhado de uma vivência de plenitude, equivale ao sentimento de que “nada falta”. Formam-se, desse modo, os parâmetros que determinam o aumento do sentimento de autoestima, o qual, como produto de uma vivência de haver cumprido os mandatos do ideal, constitui o exato inverso da culpa (CHIOZZA, 1998).

Os membros do grupo familiar são ligados entre si como uma comunidade de destino, em que o destino funesto de um membro afeta todos os demais e os leva a querer partilhar com ele. Como se pode citar o exemplo de uma criança que quando percebe que um membro de seu grupo está gravemente doente se diz interiormente: “Antes adoeça eu do que você”. Esta expiação acontece por amor, de forma inconsciente, para assumir o lugar do outro. Nas constelações familiares esses laços se revelam de forma

particularmente impressionante (HELLINGER, 2012). Esse amor foi denominado de “amor cego”, e percebeu-se que nele reside a base de todas as tragédias – daí a alcunha “amor que adocece”.

No amor há uma hierarquia: primeiro vem o amor entre homem e mulher. Este é o fundamento da família, ou seja, o amor entre o primeiro marido e a primeira mulher. Eles se encontram e da consumação do amor nascem os filhos. Os filhos são fruto desse amor. Por essa razão, o relacionamento do casal tem precedência diante da paternidade. Os filhos são felizes quando os pais se amam mutuamente neles. E, mais que tudo, são felizes quando sentem os seus pais como um casal. Então, sentem-se em ordem e consolados. Entretanto o amor entre o homem e a mulher não é a única força que apoia o amor aos filhos. A outra força flui da família (NEUHAUSER, 2006).

Outra dinâmica que conduz a doenças, acidentes e ao suicídio é o desejo de expiar uma culpa. As constelações familiares, nesse caso, ajudam o indivíduo a olhar para aquilo que passou, expor-se à dor e a deixar em paz o que passou. Por meio das constelações familiares, pode-se verificar se há uma dinâmica atuando por trás de uma doença grave, e qual é essa dinâmica (HELLINGER, 2012).

A expiação, para Hellinger (2012), é uma forma de equilíbrio; porém ela acontece por meio do sofrimento, que é um movimento da consciência. Esse contexto revela que a partir do momento que alguém causar sofrimento a outrem também este sofrerá para assim equilibrar e, após o sofrimento, terá novamente uma boa consciência.

Quando se observam pessoas dentro de uma família reproduzindo destinos, doenças, sentimentos, comportamentos, amplia-se o olhar de outras gerações. Essa ligação é de profundo amor inconsciente que está sendo expresso por meio de uma denúncia ao desrespeito de outra geração. O enredamento não precisa ir adiante, e a pessoa pode estar libertada ou curada de doenças ou mesmo de determinados sentimentos ou comportamentos que aprisionam, incluindo e respeitando o direito de todos de pertencer.

A partir dos movimentos sistêmicos se abre a possibilidade de movimentos dentro da família e do restabelecimento da ordem e do equilíbrio, o que significa possivelmente a eliminação do sofrimento da pessoa e também de outros elementos do sistema, mesmo que estes não estejam presentes no momento da constelação. Isto é o que tem sido observado em depoimentos de inúmeras pessoas que constelaram. Esse fenômeno ocorre em virtude da ressonância mórfica e dos “campos” dos quais fazemos parte (HELLINGER, 2007a).

A palavra “alegria” significa grato e vivo o movimento do ânimo (REAL ACADEMIA ESPANHOLA, 1985). Provém de alegre, e este do latim *alecris*, que significa “vivo, animado”. Entre seus sinônimos estão sorte, felicidade, gozo, prazer, riso, júbilo, exaltação, bom humor, entusiasmo, regozijo e jovialidade (ROBLES, 1979 apud CHIOZZA, 1998).

Hellinger (2006), em sua obra intitulada *No centro sentimos leveza*, inspira-nos humildemente a presenciar a veemência das forças do destino, e com isto a nos libertar de emaranhamentos que fazem o ser humano adoecer e perder a alegria e viver de maneira mais plena.

As constelações familiares podem ser quase comparadas a uma “profecia” ou a um “oráculo”. Elas simplesmente trazem à luz a conexão entre um destino e seus efeitos. Elas ajudam a “ver” a realidade de uma vida e, se possível, a preenchê-la com amor, sem influenciar o cliente quanto à forma de aplicar isso em sua vida. Os consteladores não fazem acompanhamento ou o fazem apenas em escala reduzida. Não propõem nem verificam tarefas (embora muitos terapeutas que trabalham com constelações o façam). As constelações proporcionam um insight liberador sobre os efeitos do destino, colocam em ordem relações, de uma forma saudável e que estimula o crescimento, e proporcionam força, como um efeito indireto, na medida em que as pessoas aprendem a receber sua vida de seus pais e dos seus antepassados. As constelações confiam na capacidade do cliente, em sua responsabilidade e competência para lidar bem com aquilo que vivenciou (SCHNEIDER, 2007).

O terapeuta não pondera antecipadamente. Ele começa com o primeiro passo sem saber qual será o segundo. Se não consegue progredir, talvez busque outras informações com o cliente e delas resulte o passo seguinte até que, no fim, encontre uma solução. Esse é o procedimento fenomenológico. Ele não conhece o fim, sempre conhece somente o próximo passo. No final, vê-se que teve sentido, porém não antes. Isto contradiz o procedimento científico, que tem um alvo claro e determina o caminho segundo esse alvo (NEUHAUSER, 2006).

Diante dos construtos teóricos mencionados neste trabalho o movimento das constelações familiares ou a postura fenomenológica oferece a possibilidade de uma saída para mudanças dos destinos considerados problemáticos e levam a experimentar a alegria, a saúde e o bom humor nas relações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensibilidade de Bert Hellinger para um olhar além do aparente trouxe uma profunda maneira de olhar para o ser humano. Por meio de métodos psicoterapêuticos úteis, ordens familiares e intervenções essenciais, visando à imediata experiência e compreensão, fez com que ele adotasse esse método, para condensá-lo à sua própria maneira, reconhecendo que as constelações são um método ou movimento fenomenológico para representar processos psíquicos e vinculações familiares. Utilizando livres movimentos dos representantes, trocas intencionais de posições, introdução de pessoas excluídas e curtos diálogos liberadores, permite provocar processos favoráveis em uma pessoa, a ponto de se libertar de doenças e de mal-estares que vêm se prolongando há muitos anos.

Essa revisão permitiu que Bert Hellinger levasse as pessoas a configurar suas famílias no intuito de descobrir as dinâmicas ocultas, que condicionam o desejo inconsciente de doença e de morte, por meio da identificação com o destino de outros familiares.

A conscientização desse amor que ele chama de “cego” e que se manifesta na constelação familiar permite uma reorientação, de maneira a preservar o vínculo familiar, libertando o cliente do destino funesto a que se ligou. Trata-se basicamente de um processo de cura ou libertação da alma que afeta o corpo e pode favorecer a saúde e o bem-estar.

Neste trabalho de investigação, portanto, são esclarecidos pontos importantes sobre saúde e doença, expiação e liberação. Além disso este trabalho também provoca para um novo olhar sobre o adoecimento a partir das constelações familiares. A reequilibrarão se efetua mediante o reconhecimento contido nas três ordens do amor citados por Bert Hellinger: Pertencimento, Hierarquia e Compensação, em que é possível traçar um novo sistema de padrão para gerações passadas, presentes e futuras, produzindo uma energia de libertação e leveza.

REFERÊNCIAS

BOSZORMENYI-NAGY, Ivan. **Psicologia e memória**. New York: Brunner/Mazel Trade, 1987.

CHIOZZA, Luis A. **Os sentimentos ocultos em doenças**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

DAHLKE, Rudiger. **A doença como linguagem da alma: os sintomas como oportunidades de desenvolvimento**. São Paulo: Cultrix, 2007.

DETHLEFSEN, Thorwald. **A doença como caminho**. uma visão da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem. São Paulo: Cultrix, 2007.

FRANKE, Ursula. **Quando fecho os olhos vejo você**. As constelações familiares no atendimento individual. Patos de Minas: Atman, 2006.

HAUSNER, Stephan. **Constelações familiares e o caminho da cura**. São Paulo: Cultrix, 2008.

HELLINGER Bert. **Histórias de amor**. Minas Gerais: Atman, 2007a.

HELLINGER Bert. **O amor do espírito**. São Paulo: Atman, 2012.

HELLINGER Bert. **Ordens do amor**. São Paulo: Cultrix, 2007b.

HELLINGER Bert. **Ordens do amor: um guia para o trabalho com constelações familiares**. São Paulo: Cultrix, 2003.

HELLINGER, Bert. **Simetria oculta**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MANNÉ, Joy. **As constelações familiares em sua vida diária**. São Paulo: Cultrix, 2008.

NEUHAUSER, Johannes. **Para que o amor dê certo**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHNEIDER, Jakob Robert. **A prática das constelações familiares**. Tradução Newton A. Queiroz. Patos de Minas: Atman, 2007.

SCHUTZENBERGER, Anne Ancelin. **Ay, mis ancestros**. Buenos Aires: Omeba, 2002.